

Orientação Pedagógica e Propostas de Trabalho: Diálogo e Construção. O que mais Falta?

Demetrius Meireles de Lima

Orientação Pedagógica e Propostas de Trabalho:

Diálogo e Construção. O que mais Falta?

INTRODUÇÃO

Existe uma série de questões que influenciam a construção de um trabalho em Orientação Pedagógica. Várias são as formas, estratégias, conteúdos e mobilizações. Se em um determinado Município ou Estado tivermos uma quantidade X de orientadores, assim vai ser a diversidade de propostas.

Este artigo visa apresentar questões que influenciam o desenvolvimento de práticas em Orientação Pedagógica, além de fazer uma crítica às relações, próximas, que dificultam o desenvolvimento do trabalho, assim como, o desenvolvimento do papel de sujeito de cada orientador. O Orientador Pedagógico como aquele que se impõe, ou deveria, como um sujeito livre e autônomo.

Fala-se em orientação numa perspectiva de construção coletiva do trabalho no interior de Unidades Escolares e diálogos estabelecidos. Os tópicos em destaque são: Falsidade aderente; Posicionamento Político e, Educação Hoje.

Não se deve de jeito algum assumir uma postura e simplesmente definir estratégias como certas ou erradas, depois da obtenção de resultados possíveis. Não é só isso! Não é conveniente pensar estratégias de trabalho só com duas possibilidades, em um dualismo que em muito dificulta a reflexão e análise dos fenômenos: sim e não/ certo e errado / possível e impossível e por aí vai. A complexidade que envolve o trabalho e a variedade de culturas a que seus sujeitos foram e são submetidos, representam e transformam, acaba por exigir de todos sentimentos de tolerância, perseverança e muita paciência, pois afinal, estamos falando de formação e de pessoas. Assim como de orientação de seres humanos.

Em nossas relações cotidianas existe uma forma de expressão quase que imperceptível. Uma forma e jeito de comportamento que dificulta o desenvolvimento de todo o trabalho e prorroga respostas significativas para a qualificação de todo o fazer. Um jeito que pode-se dizer, a *falsidade aderente*, que em nome de uma busca incessante

de resultados, mascaram-se as reais intenções de subordinação e alheamento, de mentira e perfídia: o administrativo, recheado de autoritarismo, desrespeito ao próximo e antidemocrático, coloca-se na linha de frente da conduta moral, da ideia do bem e do mal¹. Tudo é justificado pelos bons e fantásticos resultados, sem ao menos se assumir as responsabilidades por fracassos anteriores. E o resultado que não se atingiu no ano anterior? Onde foi parar toda a qualidade dispensada? Inicia-se um novo ano e as pendências? Por que não se atingiu a excelência? O que faltou fazer? Devemos esquecer tudo e partir para um novo plano? Errar as mesmas coisas sempre? O mais interessante é que a cada ano, que se inicia, parece que tudo é inédito. Onde tudo o que se tem conhecimento esvai. Descobrimos hoje, agora, o quão é decadente nossa educação, resultados pífios, alunos mal formados, escolas sem estruturas; o quanto é medíocre nossas administrações técnica, política e ética, administrações corruptas e pessoas ainda piores; o quanto é deplorável a relação estabelecida entre escola e comunidade, relação pedante, preconceituosa e inadequada; escolas e secretarias de educação, relação de sujeição, de impotência, de descrença e desconfiança; professores e escolas, relação de aprisionamento, desrespeito, falta de apoio e incentivo, descrédito; professores e comunidade, relação de descrença e desconsideração; o quanto não se pesquisa a fundo questões fundamentais; o quanto não temos incentivo de aprofundar e pesquisar temas essenciais; o quanto somos responsáveis por resultados e atitudes medíocres; a falta de um posicionamento político/ético em relação às políticas de engessamento e manutenção do status quo; o pouco valor representado pelos salários medíocres; a limitação de políticas públicas voltadas essencialmente para o benefício da maioria da população; os preconceitos e discriminações aos das classes populares e trabalhadoras; a falta de apoio, recursos, suporte em geral; os benefícios dispensados aos que calados e bajuladores oneram as receitas do município com salários altíssimos, os tais super-salários, as condutas populistas, etc.

É possível ter uma prática em Orientação Pedagógica, no mínimo podendo “deitar a cabeça no travesseiro” e acordar sem a culpa dos devedores? Por que

¹ Neste momento não posso deixar de fazer uma referência ao livro de NIETZSCHE, Friedrich. *A Genealogia da Moral*. trad: Antônio Carlos Braga. 3 ed. São Paulo: Escala, 2009. (coleção grandes obras do pensamento universal) que muito provocador faz com que sempre pensemos nas gêneses e origens das coisas.

internalizar a culpa de tudo? A quem queremos enganar? Somos atuais e futuros doentes?

Deste jeito, a cada dia morre-se um pouco.

A FALSIDADE ADERENTE

A falsidade como um elemento desagregador, desrespeitoso, excludente é cada vez mais evidente. Através dos clichês e, pela posição que se ocupa, alguns coordenadores, comissões e de certa forma representantes em geral, escondem a verdade. É impressionante que a “malvadez desnecessária” ainda possa ser identificada com a maior “cara de pau”. Ignoram-se as experiências alheias, as estratégias diferenciadas de trabalho, os fazeres responsáveis, as dificuldades encontradas pelas pessoas em seus espaços de trabalho em nome de certas receitas prontas. E, isto acontece o tempo todo. A verdade não pode ser dita por que colocaria em cheque os favores dispensados. É evidente!!!!!!!!!!!!!! Em específico, o trabalho de orientação pedagógica não sobrevive com os alicerces da mentira. Não é possível lidar com as dificuldades do cotidiano, de hegemonia capitalista, pregando e fundamentando-se na mentira. O que se faz é o possível da orientação. Já orientação...

A falsidade como película protetora, choca-se com as expectativas de diálogo e impossibilita uma relação comprometida. Ter problemas é fato. Nossa educação e principalmente a essência da educação organizada para os pobres sempre foi de baixa qualidade. A escola não responde há tempos os anseios e desejos de vida da maioria da população. Segundo Benassuly, é preciso repensar o papel da escola afim de que a aprendizagem se efetive de fato em seu interior. E, apresenta algumas questões² (pág 185):

Os saberes que circulam no espaço escolar podem possibilitar aos alunos e aos professores romper com o instituído? Como criar possibilidades de alternativas para a construção de uma escola onde o múltiplo e as diferenças se tornem o eixo para se pensar os sujeitos na sua totalidade e os saberes para além das verdades cristalizadas? De

² As questões levantadas pela professora Jussara Sampaio Benassuly, estão expostas no Livro: *Formação de Professores: uma crítica à razão e à política hegemônicas*. De (org) LINHARES, Célia e LEAL, Maria Cristina. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

que forma as políticas educacionais estão ou não voltadas para a valorização real do professor reflexivo?

Devemos encarar estas e outras como as mais dolorosas verdades. Em uma sociedade desigual, com uma distribuição de renda desequilibrada, com o desenvolvimento de uma cultura individualista esta evidência deve ser combatida.

O comportamento fundamentado na falsidade torna ainda mais difícil o trabalho de orientação pedagógica. É preciso perguntar aonde queremos chegar. Existe Projeto? Quem queremos formar para o quê? Qual a proposta? Com quem vai se dar o nosso embate? A serviço de que ou de quem está a orientação?

As desculpas da falta de recursos numa realidade marcada pela corrupção, e relações escusas caracterizam-se como falsidade aderente. É só estar atento às manchetes de jornais que vira e mexe apontam indícios de políticos envolvidos em escândalos, desvios e corrupção com o dinheiro público: os mensalões da vida; o favorecimento de assessores, etc. E, em dado momento afirmam que não podem fazer muito pois o dinheiro acabou ou é pouco. E educação sempre tem que esperar.

É nítido entre outras situações o destaque para aquelas em que o professor é visto como aquele que não sabe nada. Os temas mais batidos soam inacreditavelmente como novo. Como se estivessem sido descobertos agora. Se repararmos, algumas pessoas vivem dizendo que o professor não sabe nada. Quando na verdade não respeitam em geral seus saberes e não colocam em cena suas experiências. Ou nunca ninguém sabe nada. É pura estratégia. Só se considera o que se quer. “O professor não sabe planejar” ; “O professor não sabe avaliar”; “O professor não tem domínio de turma”. Quando na verdade como estes professores planejam e o que pode ser considerado? O que se construiu ou vem sendo construído em termos de avaliação, quais as práticas e concepções? O que vem sendo feito em relação ao exercício da autoridade docente? Como a escola e comunidade veem tratando de situações de respeito entre docentes e discentes? É impressionante tamanha falsidade. É como se educadores não tivessem vida antes de hoje. Sempre apresentam coisas novas, como se fossem realmente novas. Quem quer lidar com os reais problemas? Quem quer enfrentá-los? Quem quer resolvê-los? Com quem queremos resolvê-los? Com quem queremos tratá-los? Por que resolver tais problemas? Quem será beneficiado? Quem se

prejudicará? Quem ficará sem gratificação, etc.? Ora, ao remexer em coisas e questões crônicas, acabamos por desmitificar suas gêneses e responsáveis. Quem não sabe disto?

Daí porque a falsidade aderente deve ser combatida para que o desenvolvimento do trabalho em orientação pedagógica tenha êxito. Cada responsável tem nome. E, não estamos propondo um caça as bruxas, mas, não dá para fingir que as coisas não acontecem, pois seremos sujeitos desta mesma falsidade. A identificação desta falsidade e atitude desagregadora, assim como o desejo incontido de se manter, coloca a educação de qualidade social em último plano sempre. É preciso mais que saber lidar com isto. Também não dá para justificar o tempo todo o não fazer pelo mal fazer de outros. É preciso ter realmente claro de que lado estamos e, com quem devemos contar. Chega de espera vã.

POSICIONAMENTO POLÍTICO

A constatação da realidade ou a suposta constatação parece óbvia a todos e todas. O fato é que de certa forma ficamos engessados diante do que evidenciamos. Também é real a situação em que a maioria se coloca: viver é preciso. Continuar Vivo é preciso e, o estado de incerteza, de impotência, de falta de apoio, de uma cultura do desemprego, da falta de perspectiva, da violência em geral, da corrupção desenfreada, coloca-nos em uma posição ainda mais delicada. Como se posicionar sem colocar em risco nossa empregabilidade? Como é falar sobre denúncia se todos vivemos sobre a égide mafiosa dos interesses particulares que tudo pode? Quantos são assassinados indiretamente por que os recursos da saúde não chegaram ao seu destino? Quantos morrem pela falta de esperança e expectativa por terem seus direitos educacionais negados ou desqualificados? Quantos vivem sem alma, por que não têm nem o que comer, beber, vestir ou morar? Como propor liberdade se as balas perdidas nos atingem à todos os momentos? Perdidas? É desvio de recursos do transporte, desvio de recursos da merenda, desvio de recursos das previdências, ou dos planos de previdência, desvios de recursos das escolas, hospitais e demais serviços. É só desvios. Acabamos por acreditar que as sobras dos desvios chega-nos para fazer o que podemos. Não mais recebemos as migalhas, as migalhas é que nos aguardam. Elas é que nos recebem. Imagina uma migalha falando para a outra: está aí mais um pobre e miserável. Com quem ele vai ficar desta vez? Já esmos cheios. E o maior dos pobre é o que sabe de tudo e finge que não é com ele. Morre devorado pelas migalhas. É pobre de atitude e espírito.

Sabemos que não é novidade, mas o tal posicionamento político também é fator fundamental para que as coisas não fiquem e nem continuem como estão e, “é preciso saber dizer não”. Como também sabemos que a responsabilidade pela sua manutenção é de todos. Muitas coisas acontecem no nosso dia-a-dia, pelo simples fato de não dizermos um não. Chega!!!!!!!!!!!!!! Em uma série de experiências vivenciadas no cotidiano, basta que não aceitemos calados. É preciso saber dizer não, parafraseando Bertold Brecht. Este também é um dos papéis do Orientador(a) Pedagógico. O trabalho deve constantemente buscar e evidenciar um papel que vai deixar claro de que lado estamos e, não estamos ao lado daqueles ou das ideias que aprisionam os sujeitos sociais, que escravizam suas cabeças. É simples, pois estamos ao lado da educação de qualidade social. Ao lado da liberdade, da autonomia. Como pregar uma proposta de transformação mantendo a opressão e se calando diante da desumanização? A defesa da liberdade, ou melhor, a liberdade é uma das nossas bandeiras. É a bandeira da liberdade com os escritos de justiça e contra a corrupção e impunidade. Se pouco podemos fazer, calar e aceitar tudo não nos cabe. Uma postura política com base na ética e nos sentimentos de solidariedade. Tudo pelo coletivo e pela construção social em respeito à humanidade. O professor Chico Alencar³(pág 99), quando cita Hanna Arendth, destaca que educar-se é humanizar-se, “ o ato educativo resume-se em humanizar o ser humano”. É possível construir uma realidade com respeito ao outro, para e com o mesmo. E um aprendizado com um suporte político transparente e reto recheado de experiências positivas de intervenção, coloca-nos como mais um responsável ético pela formação dos educandos, nossas e de todos os demais envolvidos. Ainda segundo Saviani⁴, *temem o compromisso político aqueles mesmos que temem a competência técnica (pág 52)*

Nossas posturas não podem ser um faz de contas, afinal, a vida segue e com o passar do tempo nos lembramos a cada dia do pouco que fomos e estamos sendo. Não queremos chegar a um ponto de nossas vidas e concluir o quanto medíocres fomos e estamos sendo no mundo. Na educação e formação de outras pessoas para sermos ninguém. É pela vida, liberdade, formação crítica, independência, responsabilidade, denúncia, qualidade de vida, estudo, justiça e paz que a educação corre em nossas veias.

³ GENTILI, Pablo e ALENCAR, Chico. *Educar na Esperança em Tempos de Desencanto*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

⁴ SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Histórico-Crítica*. 10 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.

A EDUCAÇÃO HOJE: um pequeno destaque

A tal educação hoje fruto de um conjunto de atitudes e possibilidades é mais uma referência da ação do homem. Será? A comparação só se dá para fins de análise e reflexão. De uma espécie de visita à memória. A questão do tempo nos coloca como deuses podendo, diante de um pedestal, analisar as paisagens de um possível ontem, com um entendido de hoje. É como se comparássemos duas fotografias. Aos poucos nos esquecemos de quem tirou as fotos; qual a perspectiva usada; qual a máquina; como estava o dia ou a noite na hora da foto: nublado, chovendo, sol forte, etc. atribuímos quase que sem querer a ideia de uma educação como fruto da ação do homem. E, de novo nos esquecemos de que homem falamos: do homem da classe popular, classe média; classe alta; de homens pertencentes a grupos que com suas perversidades submetem outros homens e mulheres. De homens e mulheres submetidos que migalham para viver? De pessoas que mal se preocupam com os sentimentos dos miseráveis; que pouco se importam com a vida alheia; que dão mais valor aos seus objetos do que as condições, ou meios utilizados pelos mais pobres para a cura de doenças e epidemias, etc.

É muito interessante ouvir de representantes da classe trabalhadora e popular o que pensam da educação. De forma muito orquestrada toda a parafernália midiática fala o que a maioria excluída quer ouvir. É a educação como salvadora. Mas, esta mesma mídia e usuário do discurso hegemônico, não dizem o porque das mazelas, desvios, e resultados ruins em nossa tão falada educação. Seria uma educação ou teríamos várias? Temos a real ideia de que estes discursos só se distanciam dos reais problemas? “todos pela educação”. Palavras sendo propagadas por empresas que literalmente emburrecem nossa população, cultuam a transformação do homem sujeito em homem objeto, discriminam de forma cada vez mais sutil o negro, ofendem e desrespeitam cada vez mais as mulheres e, numa prática copista, inclui todos de referência árabe, muçulmana, egípcia, etc. como perigosos.

A educação de hoje não é de hoje e pronto. Não pode negar simplesmente o seu passado, assim como não pode presentificar o futuro. O momento de transição não é eterno. O hoje da educação é o hoje dos que estão se formando, dos que formam e todos que de certa forma contribuem para a transformação social com muita dignidade. É também dos que desumanizam.

Ao referir-me ao hoje da educação recupero a ideia do homem de sua época, parafraseando Paulo Freire⁵ (pág 64), que da mesma forma que o homem cria, transforma, recria, decide, as coisas vão sendo transformadas e vão se formando as épocas históricas.

⁵ FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. tradução de Moacyr Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Um livro belíssimo em que o autor aborda questões de mudança na educação e em toda a sociedade, potencializando ainda mais o papel e compromisso de todos para uma mudança cada vez mais consciente.